

Um ensaio quase perdido

Zenir Campos Reis

Professor da Universidade de São Paulo

Otto Maria Carpeaux reuniu em livro apenas dez por cento de sua produção jornalística. Viveu metade de sua vida no Brasil, 39 dos 78 anos que atingiu, e trabalhou sem cessar, publicando ensaios quase semanais. Quantos serão? Seguramente mais de mil, talvez mil e quinhentos.

Iniciei uma pesquisa em jornais cariocas, microfilmados na Biblioteca Nacional, e começo a perceber não só a extensão, mas também a importância da tarefa.

Muitos daqueles periódicos estão em mau estado de conservação, com mutilações de maior ou menor gravidade. As coleções apresentam lacunas. Não sabemos se essas lacunas e essas mutilações podem ser sanadas pelas consultas a outras coleções, depositadas em outros lugares. Não sabemos, por exemplo, o que foi feito do arquivo do jornal *Correio da Manhã*, um daqueles vitimados pela ditadura militar.

Mas o trabalho continua e deve ser trabalho coletivo, em algum momento. Até agora, não consegui partilhá-lo com algum colega, entre os que, como eu, valorizam a pesquisa.

Que vale o esforço, não tenho mais dúvidas: localizei, por exemplo, a publicação de "Poesia e ideologia", incluída em *Origens e fins* (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943), texto que aparecia com uma linha empastelada, agora restituída. Eis a íntegra da passagem, no livro à página 31:

Toda poesia é difícil. Tem sempre algo de acadêmico-aristocrático para uma elite, ou algo de voz clamante de profeta no deserto,

ou algo de hermético [quase de ciência oculta. E mesmo a imitação do tom] popular pelos poetas cultos é um artifício. São atitudes; e o primeiro mal-entendido da poesia é a confusão entre atitude e intenção. Todas as atitudes poéticas, a parnasiana, a romântica, a suprarrealista – não passam de – atitudes. A verdadeira intenção de toda verdadeira poesia é a expressão duma verdade pessoal, humana; e contra todas as atitudes artificiais surge, como instância suprema, a figura do mais completo, porque mais humano, dos poetas: François Villon. A poesia de Villon, os poemas mais bem construídos em língua francesa, é realmente uma lição sobre a essência da poesia: o poeta com a vida mais desordenada chega a ser o construtor de supremas ordens verbais; superior à atitude é a intenção, e a intenção da poesia é: impor uma ordem ao caos das palavras desordenadas.

Agora a revista *Literatura e Sociedade*, da FFLCH-USP, dispõe-se a reproduzir este perdido "Formas do romance". Infelizmente ele também apresenta uma linha empastelada. Ainda não pude verificar se, em outra publicação dos Diários Associados, ele teria sido corretamente editado.

Não quero tentar nem paráfrase nem análise do ensaio. Apenas, gostaria de chamar a atenção daqueles que não tenham tanta familiaridade com a escrita de Otto Maria Carpeaux para alguns pormenores.

Primeiro, o rigor terminológico: consciente das etimologias, Carpeaux revitaliza ter-

mos como "ficção", do verbo latino "fingo"; "simbólico", adjetivo do substantivo grego "symbolon", sinal de reconhecimento trocado entre duas pessoas. Leiam-se com cuidado os empregos dos termos "romance", "técnica romanesca", "assunto".

Observo, em seguida, a erudição sistemática, que vai às fontes e não se contenta com informações de segunda mão. É o único modo conhecido de evitar o "assim me contaram, assim lhes contei", da tradição oral, mas pouco compatível com estudos mais exigentes.

Por último, o mais importante, na minha opinião: a múltipla historicidade do texto. É uma reflexão datada de 1944, procurando dar conta da complexidade do momento, dos impasses do pensamento humanista num contexto de guerra e ditaduras.

Para se colocar à altura da tarefa, no entanto, é preciso tornar presentes outras temporalidades, buscar no passado as respostas articuladas para responder a questões análogas e para resolver problemas semelhantes. Carpeaux conquistou essa sabedoria de encontrar o ponto aleph, aquele que condensa a experiência humana ao longo da história, aquele de cuja contemplação saímos com olhos mais argutos. Uma contemplação do passado com vistas ao futuro, ou, para citá-lo mais uma vez, "o passado grisalho está iluminado pela 'luz das muitas auroras que ainda não se levantaram'".

João Pessoa, 2 outubro 1995.